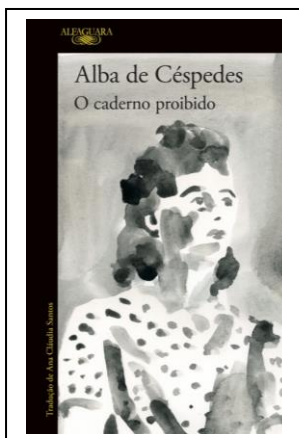




**[O caderno proibido]
[Alba de Céspedes]****[Alba de Céspedes] Biografia:**

Alba Carla Lauritai de Céspedes y Bertini (Roma, 11 de março de 1911 – Paris, 14 de novembro de 1997) foi uma escritora, poeta e dramaturga ítalo-cubana. Filha do embaixador de Cuba em Itália, cresceu num ambiente familiar poliglota, culto e progressista. Trabalhou como jornalista na década de 1930 e publicou o seu primeiro livro, *L'anima degli altri* (contos), em 1935, ano em que foi presa pela primeira vez, devido a atividades antifascistas. Em 1938, saiu o seu romance de estreia, *Nessuno torna indietro*, o qual teve enorme repercussão, acabando por ser banido. Em 1944, fundou a *Mercurio*, uma revista de política, arte e ciência que se transformou num fórum de debate intelectual, com colaborações de Natalia Ginzburg, Elsa Morante ou Alberto Moravia. Os romances *Dalla parte di lei* (1949) e *O caderno proibido* (1952) haveriam de consagrar o seu enorme prestígio e popularidade, em Itália e internacionalmente. Seguiram-se ainda *La bambolona* (1967) e *Nel buio della notte* (1976). No pós-guerra, Alba de Céspedes dedicou-se sobretudo à escrita para cinema, teatro, rádio e televisão – colaborou, por exemplo, no guião do filme *Le Amiche*, de Michelangelo Antonioni. Estabeleceu-se então em Paris, cidade onde morreu, em 1997.

Sinopse de [O caderno proibido]

Roma, década de 1950: Valeria Cossati vai comprar cigarros para o marido, ignorando que sairá da tabacaria com um caderno que há de mudar a sua vida. Ao transformar esse caderno num diário secreto onde regista pensamentos e desejos do dia-a-dia, Valeria transforma-o num instrumento de emancipação: liberta-se das convenções sociais, do sentido de dever para com o marido e os filhos, dos limites autoimpostos que regem o seu pequeno mundo. A partir daqui, tudo é questionado. Valeria compreende que está em transição e decide conquistar o lugar que escolheu para si. Clássico redescoberto, testemunho histórico de uma época, retrato primoroso da turbulência doméstica, O caderno proibido condensa a sede de liberdade de toda uma geração e das outras que se lhe seguiriam. Precursora da Linhagem literária mais disruptiva da modernidade – de Virginia Woolf a Natalia Ginzburg, de Marguerite Duras a Vivian Gornick –, Alba de Céspedes celebra aqui o poder da escrita e a audácia indómita de uma mulher numa sociedade em ebulição.



Alba de Céspedes redescoberta com o ainda atual "Caderno Proibido" 70 anos depois

Agência LUSA / RTP Notícias

"O Caderno Proibido", romance da escritora italo-cubana Alba de Céspedes publicado em 1952, que alcançou o estatuto de livro de culto, ganhou recentemente novo interesse e, após anos de esquecimento, é reeditado em Portugal pela Alfaguara com nova tradução.

A editora Madalena Alfaia, responsável pela recente publicação em Portugal do livro, explica os motivos deste novo interesse, em entrevista à agência Lusa.

Trata-se de um romance estruturado como o diário de uma mulher de 43 anos, chamada Valeria, que através das suas confissões íntimas vai despertando para as suas insatisfações numa sociedade patriarcal.

Este romance tinha sido publicado em Portugal em 1972, numa edição de bolso da Minerva, com tradução de Maria Helena Bellino, e agora, mais de 50 anos passados, ganha nova roupagem e tradução de Ana Cláudia Santos.

O interesse renovado pela obra maior de Alba de Céspedes já se tinha começado a verificar internacionalmente, um "feliz acaso", nas palavras da editora Madalena Alfaia, que nem sequer sabia que já tinha havido uma edição portuguesa quando decidiu contratar a obra.

"Foi um amigo editor estrangeiro que me falou do livro. Eu não o conhecia, fui ler e adorei, não só o livro, mas a própria história da autora, de tudo o que está à sua volta, da época. Enquadra-se muito bem na linha da Alfaguara, destes clássicos contemporâneos que também gostamos de publicar", contou à Lusa.

É o caso de Lucia Berlin, Aurora Venturini ou James Baldwin, novos velhos autores que a Alfaguara recuperou, um pouco à semelhança do que outras editoras têm feito, como a Antígona, que tem reeditado Silvina Ocampo, ou a Relógio d'Água, que está a publicar Natalia Ginzburg.

Foi só depois de ter decidido publicar o livro que Madalena Alfaia percebeu "que estava a haver uma redescoberta da autora" e deparou-se com elogios de Annie Ernaux -- "Ler Alba de Céspedes foi como aceder a um universo desconhecido: classes sociais, sentimentos, atmosferas" - e de Elena Ferrante, que chama a este um "livro de alento", o tipo de livros que lhe fazem "boa companhia".

Também a crítica internacional não tem poupado elogios à autora, que mereceu destaque em publicações como The Paris Review, The Guardian, The New York Times Book Review, Le Monde e The Financial Times, entre outros.

Ambientada na cidade de Roma da década de 1950, a história testemunha uma época através da vida de uma família e da sua turbulência doméstica, revelada pelas páginas



de um diário que, simultaneamente, desvenda a vida íntima de uma mulher consigo mesma e com o universo familiar e social, profundamente patriarcal.

Este mundo em que Valéria Cossati - casada com um bancário de nome Michele, e com dois filhos estudantes, Mirella e Riccardo - vive é apresentado ao leitor desde o início. A protagonista sai para comprar cigarros ao marido, porque queria que ele, quando acordasse os encontrasse na mesinha de cabeceira. Pelo caminho compra flores para si, mas a florista diz-lhe que "há que ter flores na mesa ao domingo", porque "os homens reparam nisso".

Na tabacaria compra um caderno preto, a contragosto do vendedor, que a avisa de que é proibido vender ao domingo outros produtos para além de tabaco, e esconde-o debaixo do casaco, para que o polícia à porta não visse.

É o início da subversão de Valeria, que estende este sentimento de proibição para o ambiente doméstico, sentindo necessidade de esconder da família aquele que será o seu diário, como se estivesse a fazer algo de muito errado, embora saiba que não, como confessa nas páginas que escreve.

A protagonista começa então uma luta para escrever às escondidas e ocultar o caderno em algum sítio onde não o encontrem, constatando que "não tinha, em toda a casa, uma gaveta, um recanto que fosse ainda" seu, numa clara referência à obra "Um quarto só seu", de Viginia Woolf.

Este "caminho mais subversivo" que a autora percorre foi um dos que mais interessou à editora, admirada com a transversalidade e universalidade da história, que encontra ecos ainda hoje, até mesmo com a "realidade de Portugal".

"Qualquer pessoa se pode encontrar algures nesta história, que tem muitos caminhos de leitura: podemos ir pelo caminho mais feminista, do encontro da mulher com o seu lugar, da conquista do seu lugar, pelo caminho mais subversivo, e depois há este pano de fundo de uma cidade em reconstrução no pós Segunda Guerra Mundial, esta burguesia decadente, esta família e os papéis do marido e dos filhos, e o colega de trabalho por quem se apaixona".

Passando do conteúdo à forma, Madalena Alfaia refere que também lhe interessou a posição de narradora em que Valeria se colocou, alguém que se descobre a si própria através da escrita, que constrói a sua identidade e toma consciência de si própria a partir do momento em que começa a escrever um diário.

"No fundo, a autora coloca na Valéria o ónus da mulher que define a identidade a partir da escrita, e isso foi absolutamente inovador na época, e na linha do que muitas outras escritoras fizeram a seguir".

O registo de literatura de intimidade e de ambiente doméstico que se encontra em "O Caderno Proibido" foi também algo precursor, numa altura em que a literatura estava virada para fora, para o que acontecia no mundo, ou para as grandes sagas familiares. "Há uma redução da perspetiva, como se a lente da câmara se fosse fechando e fosse focando um ambiente mais pequeno, um universo mais reduzido, mas não por isso



menos intenso, e é ali que acaba por acontecer tudo o que vai moldando aquelas vidas, e isso acabou por ser muito disruptivo na época: é uma história que é construída com quase nada", afirmou.

O romance abre também para uma outra vertente literária -- assinala a editora -- porque é uma obra de ficção, "embrulhada neste rótulo de romance", mas construída de uma forma não ficcional, como um diário.

"Isso acaba também por ser precursor de muito do que se faz hoje em dia, em que a não-ficção literária está a ganhar força e a ser equiparada a literatura de ficção".

Também Ana Cláudia Santos não conhecia a obra, mas sentiu-se atraída logo nas primeiras páginas, tendo aceitado o desafio da editora para o traduzir, à semelhança do que já tinha feito com "Felizes anos de castigo", de Fleur Jaeggy (Alfaguara), e "A consciência de Zeno", de Ítalo Svevo (Penguin Clássicos).

Um dos principais desafios que a tradutora encontrou foi o de ser leal à escrita de uma mulher que, "sendo instruída e tendo emprego, não está habituada a escrever e escreve corretamente, mas de forma algo informal, usando algumas repetições, como por exemplo, `parece-me que`", contou à Lusa.

Por outro lado, importava ser fiel ao espírito da escrita de um "diário que regista impressões" e através do qual a protagonista "vai descobrindo aspetos da vida interior que lhe estavam vedados, começando a encarar o diário como uma maldição, por a fazer sentir coisas que seria mais fácil não sentir, nomeadamente em relação à vida conjugal, ao papel de mãe e mulher".

À tradutora interessou também a forma como Valéria foi ganhando consciência, enquanto ia escrevendo, de que estava num período de transição geracional, no pós-guerra, em que os costumes são muito diferentes entre si e a sua mãe e entre si e a sua filha.

A própria história de Alba de Céspedes fascinou Madalena Alfaia, em parte por representar um universo muito diferente do de Valéria: nascida em Roma em 1911, cresceu num meio culto e erudito, numa família de esquerda, antifascista, e manteve uma ligação muito próxima dos intelectuais italianos da época.

Escritora, poeta e dramaturga, além de romances e poemas, escreveu também para rádio e televisão, bem como o argumento do filme "As amigas", de Michelangelo Antonioni, com base no livro de Cesare Pavese "Tra donne sole", e fundou a revista literária Mercurio.

Alba De Céspedes foi ainda uma das líderes do movimento feminista da época e chegou a ser presa pelas suas atividades antifascistas, durante a ditadura totalitária, tendo visto dois dos seus romances proibidos e um prémio (pelo romance "Ninguém volta ao passado") anulado por ordem de Mussolini.

A escritora é neta de Carlos Manuel de Céspedes, que proclamou a independência de Cuba em 1868 e pôs fim à escravatura no país.



Nova velha história

Romance septuagenário de autora que inspirou Ferrante traz reflexão atual sobre questões que ainda nos afligem

[Giuliana Bergamo](#) | Folha de São Paulo

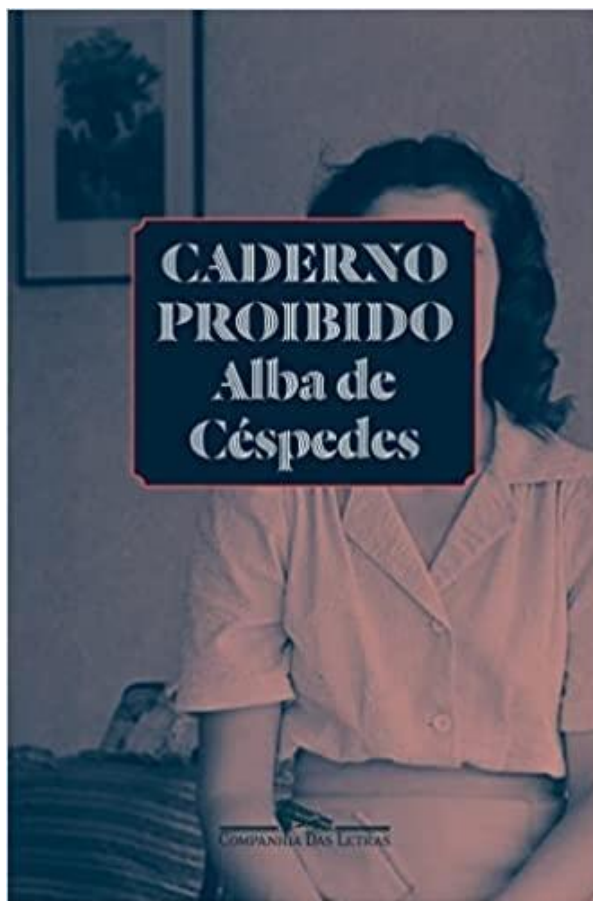
27jan2023 | [Edição #67](#)

O que seria capaz de fazer uma típica esposa e mãe dos anos 50 escapar do rolo compressor da dinâmica familiar e olhar para si? No romance *Caderno proibido*, o motor da transformação de Valeria Cossati é a escrita. Aos 43 anos, a protagonista divide seu tempo entre o cuidado da família e o emprego em um escritório. Trabalha fora apenas para incrementar a renda, tem regras morais bastante rígidas e ainda se ocupa da rotina e dos desejos dos filhos, que já são jovens adultos. É o estereótipo de mulher exemplar até que começa a escrever um diário às escondidas.

Adquire o objeto em um domingo, quando sai logo cedo para comprar cigarros para o marido. Volta para casa, mas não sozinha. Naquela tabacaria era proibido vender qualquer coisa além de tabaco aos domingos, mas Valeria ficou encantada com os “cadernos pretos, luzidios, grossos” que viu na vitrine. Eles, afinal, a fizeram lembrar do



material escolar onde escrevia, “com entusiasmo”, o próprio nome. Acabou convencendo, então, um funcionário a vender um deles.



Caderno proibido traz reflexão atual sobre questões que ainda nos afligem

Tirada a roupagem de época, vemos que os conflitos da protagonista persistem nas histórias atuais: a dificuldade para achar a mulher dentro da mãe

Começa assim o romance da ítalo-cubana Alba de Céspedes (1911–97), publicado inicialmente em episódios pelo periódico italiano *La Settimana Incom Illustrata*, entre 1950 e 1951. O livro chegou a ser editado no Brasil, mas esteve fora de catálogo durante mais de seis décadas. Voltou no último ano pela Companhia das Letras, com tradução de Joana Angélica d’Ávila Melo. Aquilo que pode causar novo interesse pela obra fica claro nas primeiras páginas. Valeria pertence à mesma linhagem de boa parte das personagens femininas recebidas com entusiasmo por leitoras, leitores e pela crítica de hoje. Tirada a roupagem de época, vemos que os conflitos da protagonista persistem



nas histórias atuais: a dificuldade para achar a mulher dentro da mãe; a complexidade da relação com os filhos e, sobretudo, com a filha; a falta de espaço para construir algo só seu; o desconforto de viver em um mundo que tenta convencer a mulher de quarenta anos de que, para ela, a sexualidade morreu, enquanto o corpo, ao contrário, está vivendo uma nova ebulição de erotismo.

A escrita acaba por se tornar algo tão libidinoso e perigoso quanto encontros com um amante

É como se Valeria fosse a mãe de uma das protagonistas de Elena Ferrante, por exemplo. A autora dos *best-sellers* *A amiga genial* (Biblioteca Azul, 2015) e *A filha perdida* (Intrínseca, 2016), aliás, cita Céspedes como uma de suas influências. A referência está em *Frantumaglia: os caminhos de uma escritora* (Intrínseca, 2017), primeiro título de não ficção de Ferrante lançado no Brasil. Nele, a autora discorre, em cartas e entrevistas, sobre seu processo de escrita, entre outros assuntos. Ali, porém, menciona outra obra de Céspedes, *Dalla parte di lei* (*Do lado dela*, em tradução livre), que também trata do universo feminino.

Apenas Valeria

Apesar das semelhanças, lida nos dias de hoje, a história de Valeria não tem o poder de causar tanto desconforto quanto as personagens de sua sucessora. Não rouba bonecas, não abandona a prole nem mantém uma relação muito conflituosa com a melhor amiga. Os dilemas da protagonista de *Caderno proibido* são mais sutis — o que não significa menos interessantes. O romance é o percurso de uma mulher comum que, à medida em que escreve seu diário, vai desvelando aquela que estava escondida atrás de uma função. Logo nas primeiras páginas, reflete:

Ao reler o que escrevi ontem, acabo me perguntando se não comecei a mudar de índole a partir do dia em que meu marido, de brincadeira, passou a me chamar de 'mamãe'. No início gostei muito, porque assim me sentia a única adulta em casa, a única que já soubesse tudo da vida. [...] Mas agora compreendo que foi um erro: ele era a única pessoa para a qual eu era Valeria.

O diário ganha status de personagem e passa, então, a ocupar o lugar que um dia foi o do marido. Nele, Valéria pode ser apenas Valeria. Só que a escrita acaba por se tornar



algo tão libidinoso e perigoso quanto encontros com um amante. A personagem conta as horas para encontrar um momento de sossego e ficar a sós com o caderno; vara madrugadas escrevendo enquanto todos dormem; arruma desculpas para não ir a eventos familiares e poder ficar em casa sozinha; se tranca no banheiro ou arma esquemas para não ser surpreendida durante o ato.

Antes de sentar de novo para escrever, passei a corrente na porta, pensando que sempre poderia dizer que o fiz por distração.

Nas páginas do romance, que é o próprio diário, acompanhamos seis meses (de novembro de 1950 a maio de 1951) da vida de Valeria. Além de um bom retrato da mulher naquela época, ficam evidentes também as linhas de pensamento sobre a condição feminina que surgiram na primeira metade do século passado, encabeçadas por nomes como Virginia Woolf (1882–1941) e Simone de Beauvoir (1908–86), e que se mantêm atuais. Diante das dificuldades para escrever com liberdade e tranquilidade, Valeria escreve: “Sonho ter um quarto só para mim”.

Impossível não lembrar do ensaio ficcional “Um teto todo seu”, publicado por Woolf em 1929, em que a inglesa discute os obstáculos que impedem a mulher de desenvolver uma carreira artística. Os conflitos de Valeria também estão alinhados às questões levantadas por Beauvoir em *O segundo sexo* (1949), sobretudo aquilo que diz respeito à relação de Valeria com a filha, Mirella. Para esmiuçar a ideia que está por trás da célebre frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, a pensadora discorre sobre como, ao replicar a receita patriarcal de feminino, as mães acabam estabelecendo uma relação conflituosa com a prole. Diz:

A filha é para a mãe ao mesmo tempo seu duplo e uma outra, ao mesmo tempo a mãe a adora imperiosamente e lhe é hostil; impõe à criança seu próprio destino: é uma maneira de reivindicar orgulhosamente sua própria feminilidade e também uma maneira de se vingar desta.

É justamente o que acontece em *Caderno Proibido*. Em um processo de alteridade, Valeria identifica em Mirella o mesmo erotismo pulsante que está dentro de si. A garota também está apaixonada, mas se nega a frear o sentimento ou a condicionar seu futuro às amarras sociais, o que coloca a mãe constantemente em xeque. Recriminar e tentar



controlar a moça acaba sendo, ao mesmo tempo, dever de mãe zelosa e uma espécie de autocensura.

O romance é o percurso de uma mulher comum que, à medida em que escreve seu diário, vai desvelando aquela que estava escondida atrás de uma função

Apesar dos seus mais de setenta anos, *Caderno proibido* merece ser lido com o frescor de um romance recém-escrito, que permite uma reflexão sobre o nosso tempo e as questões que, apesar dos avanços da luta feminista, ainda nos afligem. Além disso, o livro tem méritos atemporais e que extrapolam qualquer questão de gênero — trata-se de uma obra sobre o poder da escrita, como lemos nos registros de Valéria:

Nunca poderia acreditar que tudo o que me acontecesse ao longo do dia merecesse ser anotado. Minha vida sempre me pareceu meio insignificante, sem acontecimentos notáveis além do casamento e do nascimento das crianças. Mas, desde que, por acaso, comecei a manter um diário, percebo que uma palavra, um tom, podem ser tão importantes, ou até mais, quanto os fatos que estamos acostumados a considerar como tais.

Seu diário prova como o ato de escrever pode transformar até as vivências mais prosaicas em literatura.



Obra de Alba de Céspedes sobre uma dona de casa é retrato da existência passiva de milhões

Obra da italiana Alba de Céspedes mostra como a escrita leva uma mulher a tomar consciência de que gastou a vida com os outros, não consigo mesma

Por Nelson Vasconcelos — Rio de Janeiro | O GLOBO
04/06/2022 04h31 Atualizado há 2 anos



Retrato de Alba de Céspedes por Claudia Berardinelli — Foto: Reprodução

Entre tantas obras discutindo “a condição feminina” hoje disponíveis, poucas devem ser tão marcantes quanto o “Caderno proibido”, da italiana Alba de Céspedes (1911-1997). Ela abusou. Mirando numa simples dona de casa, retratou bilhões de pessoas que morreram ou vão morrer após uma existência pré-programada, cartesiana, em linha reta — e sem qualquer consciência dessa sua passividade diante da vida. Assim, Alba extrapolou sua crítica à tal condição feminina e foi bater na própria condição humana.



A rigor, a história poderia ocorrer em qualquer lugar e época: no apartamento aí da vizinha ou aqui em casa. Mas estamos em Roma, década de 1950, ressaca da Segunda Guerra, numa família de classe média em decadência que mantém a dignidade.

O centro de tudo é Valeria, de 42 anos, mãe de dois jovens universitários. O rapaz é o projeto do machista típico, não só pelo instinto como pela própria criação caprichada nos paparicos (o que, aliás, pouco se discute ainda hoje); sua irmã é puxada na rebeldia, libertária, ambiciosa, determinada e justa. O pai é o Michele, bancário com talento para o cinema, sujeito bonito, quase cinquentão, machão sem perder a ternura jamais. Valeria ama o marido e os filhos, administra tudo e todos no rigor do figurino. Tradição e *famiglia*, sem propriedades.

Meio no susto, precisando dar vazão a desejos reprimidos, Valeria compra um caderno para registrar seu cotidiano modorrento. Nada excitante: ela faz tudo em casa, faz tudo no trabalho, volta na hora de preparar o jantar, depois lava a louça, dorme e recomeça no dia seguinte. É assim de segunda a sábado; aos domingos, continua cuidando do doce lar, enquanto os outros passeiam, descansam, amam, vivem. Marido, inclusive.

O mergulho na palavra

À medida que se embrenha no exercício da escrita —confessional, pessoal e intransferível, secretíssima —, Valeria percebe que precisa de mudanças. Não que esteja revoltada ou amarga. Toca suas tarefas sem alterações. Mas o que escreve não lhe deixa dúvidas: a vida não deve ser apenas isso.

E não é mesmo.

Só que o peso da cultura não é moleza, o que deixa Valeria refém, como tanta gente ainda hoje, da autoridade familiar, uma lei hereditária que, por definição, perpetua conceitos que vêm desde o início dos tempos e seguirão *ad aeternum*. Isso cansa.

Valeria está cansada. Ela se percebe decrépita na sua longa idade e nota que deixou ser uma Mulher, com inúmeras acepções e possibilidades, tornando-se apenas dona de casa (como se fosse pouco), em vias de tornar-se sogra, vovó e, depois, somente uma vaga lembrança.

O próprio marido, olha que esquisito, a chama de “Mamãe” o tempo todo — e não há nada mais antiafrodisíaco do que esse tratamento (salvo em famílias estranhíssimas). Sexo entre os dois é assunto morto. O que havia de relacionamento sensual ali virou saudade e constrangimento. Embora, naturalmente, o marido tenha seu caso extraconjugal.



Valeria é uma bela mulher, e não por acaso desperta a paixão do chefe — paixão retribuída porque, afinal, hormônios pulsam e vão tomando rumos inesperados. Isso acontece (e muito), mas Valeria, tão presa à cultura vigente, tem receios de se abrir a uma situação tão ousada. Pelo menos, por ora.



'Caderno proibido', de Alba de Céspedes, editado pela Companhia das Letras — Foto: Reprodução

Enfim, é ao registrar esse cotidiano tão insosso que Valeria se ilumina: gastou sua vida inteira com os outros, não consigo mesma. O tempo passou, sua casa pequena tornou-se ainda menor e, no fim das contas, só restou a ela um cantinho — na cozinha, claro.

Nada do que vimos é algo realmente extraordinário. Mas a consciência sobre a existência chinfrim é o primeiro passo para mudanças. Essa consciência, no caso de Valeria, só apareceu com o exercício da escrita e da sinceridade. Será que, ao fim do “Caderno proibido”, ela vai mudar de vida? Como vai lidar com seu maior inimigo — aquele que, afinal, mora dentro de casa, literal e simbolicamente?

Por essas e outras tantas questões, dá para entender que “Caderno proibido” seja citado como inspiração para Elena Ferrante e sua prosa tão peculiar. Ela é tipo o conterrâneo Dino Buzzatti e seu “Deserto dos tártaros” (1940): impossível esquecer.

Aliás, só quem esqueceu, curiosamente, foi o nosso mercado editorial. O livro foi lançado em 1954, saiu aqui no país em 1962 e depois sumiu. Ainda bem que voltou.